

Sobre A vida com Lacan

À guisa de preâmbulo, eu gostaria de colocar à cada um de vocês, uma questão maluca, a ponto de parecer boba ou até completamente sem interesse: se vocês tivessem que reter de Jacques Lacan uma afirmação, uma só, qual delas elegeriam? No que me concerne, a escolha está feita, a de um discurso dirigido aos católicos, não por acaso, pois só é possível - como o mostrarei - ler Lacan, que se dizia “filho de sacerdote”, sob o horizonte de Santo Agostinho. Eis aqui esta frase, minha preferida, na qual o orador fala de si na terceira pessoa:

Em breve, terá passado a metade de sua vida escutando vidas que se contam e se confessam. Dessas vidas, que desde há quase quatro septenários eu escuto se confessar diante de mim, nada sou para julgar o mérito.¹

Dizendo isso aos teólogos, que reconheciam que somente Deus está em posição de julgar as vidas, não ignorava como seria recebido, ou seja, como alguém que se alojava, com eles, nos braços da igreja.

V

Acontece que há três anos, em 2017, eu retomei a *Vida com Lacan*², e talvez alguns de vocês tenham sabido ao ler *A Cena lacaniana e seu círculo mágico*³ publicado nesse ano. Em especial, um episódio que Catherine relata (p.16-17) me reteve, para além do fato de que, como seu título o indica, está-se aí sempre na presença de algo vivo. Qual episódio? Ela descrevia um Lacan tendo subido em uma escada a fim de ver de mais perto *A Madona dos peregrinos* de Caravaggio, exposta em uma das paredes da igreja de Santo Agostinho em Roma.

Teria sido esse Caravaggio que impulsionou Lacan a entrar nessa igreja? Ou teria sido Agostinho, tão importante para ele, Agostinho determinante ao ponto de que só agora começamos a vislumbrar? Uma breve recordação:

Referências que Lacan faz a Agostinho são, senão sabidas, pelo menos conhecidas: 1) ele volta várias vezes na descrição agostiniana da inveja de uma criança observando seu irmão mais novo sendo amamentado⁴; 2) a tão decisiva distinção *uti/fruti* (útil/gozo); 3) Em “Situação da psicanálise em 1956”, ele reconhece como “perfeitamente clara”, em Agostinho, a distinção do *significante* e do *significado*⁵; 4) na página 498 dos *Écrits* ele faz referência – feito raríssimo – à sessão de seu seminário de 23 de junho de 1954, onde ele comentava o *De Magistro*; 5) em

¹ Jacques Lacan, *Le Triomphe de la religion, précédé de Discours au catholiques*, conférence prononcée em 09 de março de 1960 na faculté universitaire Saint-Louis. Paris, Éd. du Seuil, 2005.

² Catherine Millot, *La vie avec Lacan*. Paris, Gallimard, 2016.

³ Jean Allouch, *La Scène lacanienne et son cercle magique*. Paris, Epel, 2017.

⁴ Texto citado em latim em « A agressividade em psicanálise » em 1948, e já mencionado em 1946 em « Proposição sobre a causalidade psíquica ».

⁵ A sessão de 23 de junho de 1954, do seminário *Os Escritos técnicos de Freud* foi quase inteiramente consagrada à discussão de uma intervenção de Louis Beirnaert, elogiada por Lacan muito além do que o orador poderia esperar. Podemos nos reportar ao seu intercâmbio, do qual tem-se aqui um extrato: “É totalmente exemplar, significativo, instrutivo, que percebemos, [...] na exposição de R.P. Beirnaert que as noções que os linguistas, em suma [...] demoraram quinze séculos para descobrir, como um sol que se levanta novamente, ou como uma manhã que nasce, já estão expostas nesse texto de santo Agostinho [*De locutionis significatione discussio*, primeira parte de *De Magistro*] que é uma das coisas mais admiráveis que se possa ler. Pois, com razão vocês pensam que eu me dei o prazer de relê-lo nessa ocasião. Vocês verão que Santo Agostinho fala dos problemas mais agudos da linguística moderna. Tudo o que acabo de dizer sobre o *significante* e o *significado* está ali, desenvolvido com uma lucidez sensacional.”

“Posição do inconsciente”, em 1964, declara que Agostinho “viu perfeitamente” que nenhum sujeito poderia ser a causa de si, e repete essa observação dois anos mais tarde (“A ciência e a verdade”). Teria ele, ademais, escondido ou esquecido Agostinho quando menciona o jogo da morra, chegando a colocar essa morra no título de um de seus últimos seminários (*L’insu que sait de l’unebévue s’aïlle à mourre*)? Leitor de *De Trinitate* e brincalhão como amava ser, apostamos que a afirmação seguinte teria lhe interessado (*De Trinitate*, Livro VIII, V, 8) ⁶: “Uma trindade, em efeito, nos é fácil encontrá-la, quando queremos, que seja, para não falar do resto, ao jogar a morra com três dedos.”

No entanto, por mais importantes que sejam essas referências agostinianas em Lacan, há uma delas que supera todas as demais, incluindo aquela onde, para definir o inconsciente, ele recopia uma frase de Agostinho ⁷. Essa referência a Agostinho, que digo ser a mais decisiva, constitui o fundamento mesmo do ensino de Lacan, ou seja, sua distinção do simbólico, do imaginário e do real, jamais abandonada, permanentemente explorada desde a conferência de 08 de julho de 1953, quando a anunciou pela primeiríssima vez. Com seu *De Trinitate*, Agostinho havia realizado algo de inédito: ele havia *reportado sobre o homem uma concepção trinitária até então reservada a Deus*. E Lacan seguiu seus passos, renovou seu gesto transpondo-o ao campo freudiano. É demonstrável⁸ que seu assombroso “não há relação sexual”, totalmente ao contrário do catolicismo, adveio daí, de sua ancoragem na teologia cristã.

Em Deus, a trindade é santa, enquanto que no homem, composta de outro modo, ela é dita por Lacan “infernai” ⁹. Qualificá-la assim não apaga em nada sua ligação com a santa, sua irmã mais velha, seu modelo formal. Uma só letra modificada basta para transformar “o avesso [envers] da psicanálise” em “o inferno [enfer] da psicanálise”. Esse envio lacaniano de cada um ao inferno está aqui bem no seu lugar, visto que “infernai” não tem o sentido que lhe dá quem já não acredita no inferno. *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*, “Se não posso dobrar aqueles do alto, sacudirei o inferno”, escrevia Freud citando Virgílio em epígrafe de sua *Traumdeutung*. Não está aí a afirmação de um científico puro e duro; aqui é um mestre espiritual que se pronuncia. O inferno está aí convocado no condicional. Em contrapartida, existe mesmo um inferno em Lacan (aquele, sem dúvida, de Angelus Silesius, que evocava a possibilidade de “viver no inferno sem o inferno”):

Se há, de todo modo, algo que Freud torna patente, é que do inconsciente resulta que o desejo do homem é o inferno e que é o único meio de compreender alguma coisa. [...] Não desejar o inferno é uma forma do *Widerstand*, é a resistência.¹⁰

Há outro traço reportado por Catherine, que me fez levar a sério essa visita à igreja *Sant’Agostino*. Ela observava aí um Lacan empoleirado em uma escada. Houve um tempo em que os loucos eram denominados de “empoleirados” [*perchés*]. E mais notável ainda, o momento em que os alienistas, nos asilos, subiam nos telhados dos prédios a fim de pedir aos

⁶ Devo essa referência à Sara Vassallo, a quem agradeço aqui.

⁷ “O temível desconhecido, mais além da linha, é o que no homem chamamos o inconsciente, isto é, a memória do que ele esquece” (*L’Éthique de la psychanalyse*, Paris, Éd. du Seuil, p. 272).

⁸ Dediquei-me a isso em minha contribuição à obra *Après Les Aveux de la chair. Généalogie du sujet chez Michel Foucault*, sob a direção de Sandra Boehringer e Laurie Laufer, Paris, Epel, 2020.

⁹ *R.S.I.*, 18 de fevereiro de 1975.

¹⁰ Jacques Lacan, “Réponse à Marcel Ritter”, 1975.

céus, ao sol, às nuvens, aos pássaros, aos mosquitos, aos ventos (a quem ou ao que, portanto? Não se sabe, nos perguntamos) o que efetivamente lhes diziam os alienados e como deveriam acolhê-los.

Além disso, essa imagem de um Lacan empoleirado em uma escada se sobrepõe, a meu ver, a um problema vindo diretamente do tipo de *enfrentamento* que ele acreditou ter com Joyce. Um dos “personagens” deste debate era não uma escada [*échelle*], mas um escabeleto [*escabeau*] (uma escada é como um escabeleto manco). Empoleirado diante da *Madona dos peregrinos*, Lacan pensava no *escabeleto* de Joyce? Jamais o saberemos. Em contrapartida, sabe-se, pela simples razão de que ele o disse, que identificava o *escabeleto* de Joyce com a obra mesma do célebre Irlandês, chegando a inventar um dos seus neologismos que tanto apreciava ¹¹: “*escabæuvre*” (escabeleto [*escabeau*] e obra [*œuvre*]). Ele atribuía à Joyce a vontade de perdurar, ele e seu nome próprio, graças à sua obra, por séculos e séculos. Jacques Lacan, parece, compartilhou semelhante vontade; assim confiou ele a tarefa de fazer perdurar seu ensino e seu nome a sua filha Judith e ao seu genro Jacques-Alain Miller, como sem dúvida, vocês o sabem.

Tampouco é muito surpreendente que Jacques-Alain Miller tenha se interessado pelo que Lacan dizia sobre o *escabæuvre* de Joyce. Exceto que... ele lia ao contrário, o que de modo algum impediu que essa leitura errônea tivesse tido um grande sucesso entre os membros da *École de la cause freudienne*. Ensinar o que Lacan ensinou (fórmula de Miller, seu programa, não o meu que, aliás, não tenho um) a fim de que dure indefinidamente esse ensino de Lacan... Tal perspectiva que se desvia da morte não pode senão provocar tais derrapagens. Lacan era mortal, seu ensino era e permanece exposto a cair nos acostamentos dentro de lixeiras, como dizia ele mesmo que a psicanálise poderia um belo dia desaparecer definitivamente.

Lacan distinguia o *escabeleto* de Joyce do seu; Miller, sem se dar conta, se empenha em atribuir a Lacan o *escabeleto* de Joyce. As consequências não são poucas. Segundo Lacan, Joyce tornou *esférico* seu *escabeleto*, sua tagarelice. Lacan também, recorrendo como todos à “reserva linguageira” fez dela seu *escabeleto*, mas visando destituir a esfera (uma operação que ele denomina de “*scabeustration*”, castração do *escabeleto*). É o que confirma uma impronunciável escrita: “S.K.beau”. Em 2017, eu mostrei que “S” é o sujeito, e “K” não o “caso”, mas o corpo, esse corpo que “*hissecroibeau*”, como jogava Lacan com as palavras, onde se escuta o verbo “subir” [*hisser*]. Em um discurso anunciando o programa do próximo congresso de seu grupo, dito de outro modo, ditando o *tom* aos seus seguidores, Miller negligenciando explorar o que indicava a escrita S.K.beau, se pergunta: “O que fomenta o *escabeleto*?” e responde: “É o *fala-ser* sob sua face de gozo da fala.” Eis aí algo que convém a Joyce, mas não a Lacan, para o qual o *escabeleto* esvazia o ser. “Esvazia” é o termo eleito por Artaud para denominar sua loucura. “Todas as palavras que Artaud escreve falam desse vazio, reenviam a esse vazio, nascem dele, mas para daí se precipitarem e daí só escapar no movimento de sua perda”, dizia Michel Foucault (*Folie, langage, littérature*, p. 99-100). E a frase concerne a todo dizer do analisante.

V

¹¹ Marcel Bernabou, Laurent Cornaz, Dominique de Liège, Yan Péliissier, *789 néologismes de Jacques Lacan*. Paris, Epel, 2002.

Outro relato, ainda em *A Vida com Lacan*, permite perceber o que Lacan procurava, o corpo empoleirado, desestabilizado em cima de sua escada, arriscando cair dela e observando o pé da Madona, como escrevia Catherine. E esse outro relato, diferente daquele ao qual ela se refere (p.16) para ler a cena da igreja Santo Agostinho, permite conjecturar que alguma coisa faltava a esse pé longamente observado, ou seja, um sapato de mulher de salto alto. As mulheres do final do século XVI usavam saltos altos? Se é certo que elas não calçavam tênis, no que diz respeito aos saltos altos, eu não prossegui adiante em uma pesquisa.

Dar um zoom por traz permite ver o conjunto da cena: Catherine observa Lacan olhando uma falta em um quadro. Um quadro furado, portanto, é o que proponho, ainda que continue sendo muito difícil saber o que é um furo. É impossível furar uma esfera sem perdê-la, pois de imediato ela se transforma em um disco. Se ficasse confirmado que os saltos agulha não estavam em uso, deveríamos concluir que Lacan, olhar fixado nesse Caravaggio, procurava alguma coisa que não existia em nenhuma parte. E podemos estar certos, ele não cessou de se consagrar a isso: O Outro, o grande, não existe, nem o Outro do Outro, e não existe também o gozo do Outro, tampouco a relação sexual.

V

“A necessidade de subir é muito comum. Não experimentá-la mais é uma liberação rara”, notava Beckett em *O Despovoador*. Essa peça permite ver e escutar os pesquisadores subindo no alto de escadas a fim de verificar o rumor que proclama: “Existe uma saída.” Essas escadas lhes dão acesso a “nichos” escavados no alto da parede cilíndrica que os mantém presos. Lê-se “inferno” [enfers] em “presos” [enfermés]. Esses nichos são de dois tipos: ou falsos furos, tais como os ocios das xícaras de café que são topologicamente discos; ou túneis, onde pode acontecer de dois investigadores se encontrarem cara-a-cara. Aí também não há nenhuma saída, o corpo de cada um impedindo o outro de prosseguir seu caminho. “O que quer que busquem, não é isso”, escreve Beckett, e a fórmula vale muito bem para Lacan, o investigador que, tendo chegado a uma descoberta, desconfia imediatamente com seu “não é isso” [ce n’est pas ça], que tem nome “objeto pequeno *a*”. Eis aqui a ocasião de compartilhar com vocês um de meus pesares em relação à Lacan: que tenha escolhido Joyce em vez de Beckett.

Entretanto, falta ainda a situação global e provisória, a cena que eu dizia que esse zoom na imagem permite ver. Catherine observa aí um Lacan empoleirado, ocupado em olhar alguma coisa, não se sabe muito bem o quê. Então, o que ela se pergunta? Eu ignoro, mas acredito poder lhes dizer, deixando aberta a resposta a essa questão, que ela se interessa ao que acontece *entre Lacan e a coisa* que lhe importa, a ponto de se empoleirar em cima de uma escada. Intervém aí o que ela descreve como “sua concentração permanente em um objeto de pensamento que não largava jamais” (p.10), “ele não era mais do que isso”, precisa ela mesma, ou ainda “ele, em operação”. Desempenha-se aí o que eu tenho chamado, por minha parte, um “efeito de entre” que captura todos aqueles que se interessam pelo ensino de Lacan, quer dizer, pelo que se joga *entre ele e a coisa* que lhe importa no mais alto grau.

Tal *efeito de entre* está manifestado em outro lugar. O que se chamou a “cena primitiva” deve a esse *efeito de entre* seu caráter comovente, ou fascinante. A criança, surpreendendo seus pais na cama transando, não se pergunta sobre o que acontece com seu papai ou com sua

mamãe; ela se questiona, mais radicalmente, a respeito do que ocorre *entre papai e mamãe*, por vê-los assim se agitarem mais ou menos juntos.

Reconhecida como uma metonímia, a cena da igreja Santo Agostinho diz muito exatamente a situação global que liga três figuras: Lacan, sua coisa e, digamos, uma testemunha, Catherine na ocasião, e mais globalmente cada um de seus alunos. Não importa qual aluno, todo aluno qualquer que seja, enquanto que no lugar de Lacan nessa cena paradigmática alguns podem perfeitamente alojar Freud, se fazendo formalmente a mesma questão: o que se passou *entre Freud e histérica* que o intimou ao silêncio, não em cima de uma escada, mas em sua poltrona de analista?

Eu lhes agradeço.